

O encanto anestésico da normalidade

Resenha de Flávio Carvalho Ferraz,
Normopatia: sobre Adaptação e pseudonormalidade. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, 148 p.

Há vantagens em ser normal. O sentimento de pertencer a uma comunidade e a sensação de fazer parte inconteste da espécie humana são alguns dos ganhos que nos parecem mais assegurados se somos conforme os outros, se nos estabelecemos segundo as normas. A experiência de ver nossos semelhantes como semelhantes nos reafirma; afinal, constituímos-nos de identificações, de tal modo que tendemos a procurar no outro um "já sei" sobre nós próprios e sobre ele.

Porém, temos conhecimento de que nosso psiquismo, mesmo sendo o mais convencional, é uma construção feita sobre materiais que com facilidade reconheceríamos como os usados também na patologia: o inconsciente e seus processos primários, base da desconsideração pela realidade externa e da produção de sintomas; e a sexualidade infantil, polimorfa na sua perversidade, mas toda presente, ainda que reordenada, na vida adulta.

Ou, mesmo que não tenhamos grande clareza destes alicerces pouco nobres, tendemos a desconfiar das imagens corretas que buscamos ver refletidas em nosso espelho. É que também pode incomodar a restrição de seus limites rígidos; nossos ídolos sempre têm algo

de excepcional que escapa ao padrão de segurança. Além disso, suspeitamos que nossos armários escondem cadáveres, e sabemos do sofrimento secreto que insiste em visitar nossa intimidade.

Mas há quem pareça ter se distanciado destas incertezas e viva sem conflitos com a norma. A própria identidade adquire para estes sujeitos o estatuto de uma realidade sólida, perdendo a qualidade de ser uma representação de si, o que lhe faria suscetível, bem mais frequentemente, de mudanças e sobressaltos. A porosidade da ficção de quem se é parece dar lugar, nestes casos, a uma pregnância do eu a algum discurso socialmente pré-estabelecido. Sem tanta variação e inconstância, evita-se muito do sofrimento subjetivo, ainda que ao preço da própria subjetividade, que se comprime numa vida funcional e sobreadaptada. Seguindo percursos já bem marcados, tais sujeitos guardam-se de caminhos inéditos por onde poderiam perder-se, e sem qualquer nostalgia por to-

das as outras possibilidades de rumo existentes.

A ausência de autoquestionamento destes indivíduos não se confunde com a certeza do psicótico, que também, de certa forma, toma a representação por realidade. Mas o psicótico está longe de manter-se nos trilhos da convenção e da normalidade uniforme; descarrila deles, imaginando que seja universal o seu desvio. Em contraste, nosso sujeito empresta o ponto de vista comum e aliena-se nele. Não se engana com fantasias, supondo-as verdades, mas elimina-as na adesão ao mundo objetivo. Enquanto outros falham sempre na manutenção da própria imagem, mostrando aqui e acolá suas contradições, estes sujeitos parecem perfeitos em sua adaptação. De perto, continuam sendo normais.

O último livro de Flávio Carvalho Ferraz, (*Normopatia: sobre Adaptação e pseudonormalidade*), oferece-nos uma leitura psicanalítica desta curiosa forma de estruturação psíquica. Toma como ponto de partida um trabalho de Joyce McDougall, datado de 1978, em que a autora buscou caracterizar um certo tipo de paciente com que tinha particular dificuldade; chamou-o de normopata. A idéia parece ter frutificado, o que se percebe pela contribuição ex-

pressiva de outros psicanalistas à discussão, e pela realização, em 1992, de um simpósio em Paris com o título de "A normalidade como sintoma".

Trata-se, portanto, da descrição de um novo quadro clínico, trabalho que significa chamar a atenção para algo que passava despercebido à escuta analítica, que não existia em sua especificidade, confundindo-se com outras sintomatologias ou simplesmente com o nada. (*Normopatia*), publicado na Coleção "Clínica Psicanalítica", dirigida pelo próprio Ferraz, é um título com esta característica. Ocorre, entretanto, que neste final e início de século uma série de outros quadros foram igualmente estudados pela psicanálise, como as adições, os pânico, as somatizações, e todos indicaram algum tipo de dificuldade de contato com a própria subjetividade. Como situar a semelhança e a diferença com estas outras formas de sofrimento? O livro de Ferraz nos ajuda a compreender este conjunto.

Particularmente sobre o tema da normopatia, o texto apresenta uma revisão da bibliografia direta ou auxiliar, com destaque para a noção de "singularidade idiopática" de Maurice Dayan, para o conceito de "doença normótica" de Christopher Bollas e para a reflexão de Betty Joseph sobre o "paciente de difícil acesso". Surpreende com um interessantíssimo exemplo clínico relatado por Jung em sua autobiografia de 1961 que, a

posteriori, diagnosticaríamos como de normopatia. Mas vai além deste esforço de assembléia, indicando os principais pontos de apoio da teorização mais recente. Assim, creio que seria possível deduzir deste estudo que, sem Winnicott e sem Pierre Marty, o quadro em questão talvez ainda estivesse por ser desenhado. Algumas noções de Winnicott, como as de falso *self*, ou a sua ênfase sobre o brincar e o viver criativo permitiram identificar como pouco saudáveis as superadaptações. E sem as contribuições de Marty e seu grupo teríamos provavelmente mais dificuldades em situar um fenômeno “em negativo”, isto é, neste tipo curioso de sintomatologia que se manifesta pela ausência de conflito ou mesmo de sofrimento psíquicos. Raízes ainda mais profundas existem – Freud é lembrado pelas neuroses atuais –, de modo que vai se tornando claro que o conceito de normopatia teria nascido como uma elaboração singular feita por Joyce McDougall destas contribuições, para lidar com certos impasses de sua clínica.

Flávio Carvalho Ferraz defende tratar-se não de uma categoria nosográfica, e sim de um modo de funcionamento psíquico, passível portanto de ocorrer em formas diversas, e associada a sintomas vários, o que se compreende melhor através dos exemplos que apresenta de sua própria clínica, um dos pontos altos do livro. Podemos então conhecer Margarida, mulher muito irritável, cujo sofrimento pessoal era sempre atribuído aos outros. O caso de Alberto permite-nos ver uma desafetação terna (se é que é possível o termo), protegendo-o de episódios de grande violência. A corrida aos esportes de Rodrigo sugere o escape de

uma angústia inominável. E a pequena Samira deixa-nos entrever a formação da normopatia na infância.

A discussão dos casos procura mostrar como, a despeito das diferenças visíveis, a defesa de todos era comum, estruturando-se como uma cisão do ego que lhes permitia evitar as turbulências da própria subjetividade. E eis uma contribuição de Ferraz para a metapsicologia do normopata, já que nem McDougall nem Bollas discutem o quadro nestes termos. Aproveitando o alerta de Freud sobre a presença de processos de clivagem em estruturas não neuróticas, os trabalhos de Dejours sobre uma possível terceira tópica do aparelho psíquico, e principalmente a proposição de Beth Joseph para o “paciente de difícil acesso”, nosso autor levanta a hipótese de que se trata, também aqui, de tal recurso extremo. Cisão que exclui, desta vez, a própria atividade introspectiva.

As questões técnicas que surgem daí são tão importantes quanto difíceis. Quem atende pacientes com distúrbios somáticos encontra, com certa frequência, o tipo de impasse descrito em *Normopatia*. Com raro ou nenhum mal-estar em relação a si, aparentemente fechados para a associação livre, sem disposição para questionar a própria história, estes pacientes parecem pouco abordáveis pela situação analítica. E isso com o agravante de, no caso de alguma intervenção abalar a

cisão estrutural que o protege, correr-se o risco de favorecer uma descompensação psicótica, ou mesmo uma somatização grave.

Compreende-se portanto que, ao discutir as possibilidades de manejo e avanço neste terreno minado, Ferraz enlace a reflexão em questões éticas. Pois trata-se aí de pensar o direito de intervir num arranjo que resulta relativamente indolor do ponto de vista psíquico. Alberto, um dos pacientes citados, resolve interromper o tratamento após ter se livrado dos episódios de pânico, pois descobriu que estava trocando um sofrimento por outro. A discussão é conduzida no livro com extrema delicadeza e não só equaciona esta dificuldade, como a amplia. Nesta direção, o autor nos convida a abrir o foco de nossa objetiva e refletir sobre aspectos macro-estruturais que poderiam tornar a saída “normótica” bem mais freqüente em nosso tempo: a cultura do narcisismo e sua valorização do sucesso e da publicidade, a exposição à velocidade vertiginosa dos estímulos impossibilitando a experiência que lhes poderia dar algum sentido pessoal, as organizações do trabalho avessas a toda vida fantasmática etc.

E quando poderíamos estar preocupados com o contexto, mas ao mesmo tempo tranquilizados com a sensação de imunidade deste mal – afinal, adotar a perspectiva da psicanálise não significa ser *gauche* na vida? – Ferraz continua a nos fazer pensar. Chama-nos a atenção para a ação normalizadora das instituições psicanalíticas, inevitável talvez até um certo ponto, mas capaz de estender-se a ponto de eliminar a criação e a inventividade que não costumam andar juntas com a subordinação de pensamento. Daí sua crítica às formações fechadas que florescem em nosso meio: “Como é possível ser ‘ortodoxo’ em psicanálise, se esta pressupõe a escuta do novo, ao invés do fechamento para ele? Ortodoxia, lembremos, é a ação de *orthos*: normatização que redundando em rigidez e em intransigência ao que é novo ou diferente. O compromisso da psicanálise, ao contrário, é com *pathos*, que rejeita, pela sua própria natureza, toda forma de enquadramento ou de normalização”.

Ao final, o livro de Flávio Carvalho Ferraz parece nos mostrar um paradoxo que só a capacidade de simbolização, no avesso da normopatia, permite: partir de um material clínico tão pobre de expressão subjetiva, e construir com ele um estudo tão sensível e instigante sobre a condição humana, neste particular que é a sua terrível tentação pela normalidade.

Sidnei José Cazeto é professor do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae, da Faculdade de Psicologia e do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica, ambos da PUC/SP, e autor de *A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX* (Escuta-Fapesp, 2001)